



A arte de narrar: memória e oralidade em *Narradores de Javé*¹

Ana Luisa de Castro Coimbra²
Universidade Estadual de Santa Cruz, BA

RESUMO

O filme é uma arte capaz de proporcionar não só o entretenimento, mas também produzir percepções culturais e saberes. Este artigo visa analisar a obra cinematográfica “Narradores de Javé” discutindo as questões da memória e oralidade e o confronto destas com a escrita. Na busca por contar os grandes feitos de Javé surgem as memórias individuais e coletivas do lugar e as histórias contadas irão mostrar os moradores e o povoado desde sua origem. Alguns conceitos de memória são aqui trabalhados bem como suas imbricações com a história sendo, ainda, evidenciada a relevância de se analisar imagens.

PALAVRAS-CHAVE: memória, oralidade, cinema.

Introdução

É fato que as sociedades se organizam graças à comunicação, pois através deste ato os indivíduos podem manter contato uns com os outros e transmitir informações. E a comunicação pode ser das formas mais diversas: desde gestos, ruídos, ritos, desenhos, marcas, como também a fala e a escrita. Essas duas últimas formas, ao longo do tempo, causaram transformações substanciais na sociedade.

O uso da língua falada e posteriormente a escrita foram mecanismos que possibilitaram uma extensão de armazenamento da memória, como denota Le Goff (1996) e, graças a isso, se pode ir além dos limites do corpo. Não só a mente humana seria detentora da memória, esta poderia estar difundida no outro, nas bibliotecas (com a escrita) ou, num tempo mais recente, com o avanço tecnológico que permite a captura de imagens e áudio para que os registros de memória sejam feitos.

O aparecimento da escrita está ligado a uma transformação profunda da memória coletiva e fez com que outra forma de memória fosse surgindo: o desenvolvimento do documento escrito e também a capacidade de armazenar informações que permite

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Comunicação Social – Rádio e TV da UESC – BA. Email: luisacoimbra@hotmail.com



comunicar através dos tempos e espaços e assegurou a passagem da esfera auditiva para esfera visual. Surge, em meios às mudanças, os processos mnemotécnicos que estão ligados à escrita e a existência da escrita implica modificações no próprio interior do psiquismo: é “uma nova aptidão intelectual” (LE GOFF, 1996, p.435)

A memória pode ser entendida como um processo dinâmico tanto pelas questões emocionais como pela relação entre o tempo do fato acontecido e o tempo da narração. Muitos autores já trataram da questão da memória individual, memória coletiva, história e suas relações de aproximação e distanciamentos. Halbwachs (2004) e seu tratado sobre a Memória coletiva; Nora (1993), que entende que a memória deixou de existir a partir do momento que passou a ser reivindicada pelo discurso histórico; Pollak (1989), que defende que ao privilegiar a análise das minorias, a história oral ressaltou a importância das memórias ditas subterrâneas que “se opõem à memória oficial” (p. 4); e Jacques Le Goff (1996) são alguns dos que trouxeram à tona a discussão em torno da memória. A memória que deve, também, ser pensada em paralelo ao esquecimento, já que ao eleger uma fala se deixa de mostrar diversas outras possibilidades.

É desse contexto que emerge o filme ora analisado por este presente trabalho. Narradores de Javé aponta para a questão da memória e da oralidade e o confronto destas com a escrita. E essa memória é dinâmica e não estática; é uma memória criada em função do presente. Na iminência de ver o povoado ser destruído por uma catástrofe anunciada os moradores do pequeno vilarejo realizam um trabalho de memória, trazendo à tona lembranças e narrando acerca de um imaginário épico, onde heróis e heroínas davam conta de explicar a origem daquele povo. Nessa busca por contar os grandes feitos de Javé surgem as memórias coletivas e individuais do lugar e são essas histórias que irão nos apresentar Javé e seus moradores.

Por uma análise fílmica

Numa sociedade em que as imagens fazem parte, cada vez mais, do cotidiano das pessoas, não é de se estranhar o fato da busca pela análise e entendimento dessas outra forma de representação do mundo. Ainda mais quando se pode notar que os discursos veiculados pelos diversos meios de comunicação exercem um papel relevante na construção dos sujeitos e da memória social.

O cinema pode ser visto como uma forma de sociabilizar o indivíduo e apresentar visões de mundo, identidades e subjetividades. O filme pode produzir

concepções culturais e saberes. A imagem se relaciona com o que o indivíduo é, com sua identidade e por isso se faz importante não só o uso da linguagem audiovisual, mas também sua análise. Para Klaus *apud* Duarte (2003) a nossa cultura valoriza muito a linguagem escrita “mas a leitura de imagens e a prática de ver e analisar filmes é de extrema relevância e importância no nosso cotidiano”.

Analisar um filme não implica apenas vê-lo, mas revê-lo, desmontá-lo e reconstituí-lo de acordo com o que se pretende daquele objeto e assim poder examiná-lo e interpretá-lo nas suas diversas nuances.

Quando o cinema foi criado não se tinha uma linguagem definida. Os primeiros filmes lembravam muito a cena teatral: a câmera parada substituía o olhar do espectador. Méliès foi um dos pioneiros na tentativa de dar ao cinema uma linguagem própria ao implementar técnica de trucagem, pintura de fotogramas, corte em películas. Mas foi o americano David Griffith, considerado por muitos, como o “pai da narrativa cinematográfica” quando percebeu que o movimento de afastar e aproximar a câmera poderia surtir efeitos interessantes dentro da narrativa. Inovou ainda ao modificar o espaço dentro do filme ao introduzir elementos como os *flash-back* e as ações paralelas.

A própria linguagem cinematográfica foi desenvolvida para que uma participação afetiva se intensificasse mais. Um movimento específico de câmera, um ângulo propositalmente inserido numa trama e até mesmo a trilha sonora escolhida faz com que quem assiste à película possa sentir-se cada vez mais envolvido com o enredo.

Vanoye e Goliot-Lété (1994) citam que são numerosas as abordagens narratológicas do filme. Algumas teorias pretendem edificar uma narratologia da expressão colocando em jogo o conjunto de narrativas filmicas diante do conjunto das narrativas não filmicas. A história – o próprio conteúdo narrativo – e a diegese³ se relacionam a essa parte não filmica e a contrapartida seria tudo o que se refere à expressão, o que é propriamente do meio, a materialidade do filme: as imagens, palavras e sons. “O lugar de encontro e da associação sutil conteúdo-expressão é evidentemente a narrativa (...). É a narrativa que permite que a história tome forma, pois a história enquanto tal, não existe”. (VANOYE e GOLIOT-LÉTÉ, p. 41)

Dessa forma é possível observar que é na articulação do conteúdo com os componentes expressivos que o filme adquire uma razão. É nessa junção que se forma o

³ Segundo Vanoye e Goliot-Lété (1994) o termo diegese é próximo, mas não é sinônimo de história, pois é mais abrangente uma vez que designa a história e seus circuitos, a história e o universo fictício que pressupões ou pós-supõe.



todo e essa relação é capaz de gerar múltiplos significados. Por esse motivo se faz importante não só debater os elementos diretamente ligados ao filme – sua montagem, disposição de cenas, planos – mas observar do que se fala, qual o assunto que está sendo apresentado.

O que contam os Narradores

Lançado em no ano de 2003, Narradores de Javé é o segundo longa metragem da diretora Eliane Caffé e retrata a relação entre a oralidade e a escrita e conta a história de um povoado que está em vias de desaparecimento. Javé, local como era chamado o lugarejo baiano, se depara com um problema advindo do processo de modernização e como o próprio nome já denuncia é um filme de narração.

O primeiro narrador que surge é a figura de Zaqueu, personagem que é “filho” do Vale do Javé, local onde nasceu e cresceu. Zaqueu começa a narrar a história do povoado que “estava no caminho das águas”, isso porque as terras onde estava assentada a vila iria ser inundada por conta da construção de uma hidrelétrica. O progresso inevitável iria beneficiar uma parcela significativa de pessoas, mas o povo de Javé seria então, a parcela do sacrifício, tendo em vista que o povoado seria coberto pelas águas.

Em meio à efervescência que os moradores estavam com a notícia da construção da hidrelétrica, é de Zaqueu a idéia para uma possível saída para que a construção não seja efetivada. O local só não seria atingido se algo grandioso ou de relevância histórica tivesse acontecido no local e dessa forma, Javé seria tombado como patrimônio. Mas outro desafio estava por vir: os moradores do vale não eram alfabetizados, portanto, precisariam escrever a história do local para que pudessem mostrar para as autoridades a importância do povoado. O único letrado do local era Antônio Biá, um ex-funcionário do Correio que foi expulso do convívio social pelos moradores uma vez que no intuito de salvar seu emprego, já que não se via necessidade de uma agência de Correios numa localidade onde ninguém sabia ler nem escrever, Biá resolveu, então, escrever cartas à amigos inventando histórias usando a vida dos moradores do vilarejo. Quando os moradores descobriram as armações, expulsaram Biá de Javé e este ficou morando nas redondezas da vila.

Mas com a iminência de um mal maior, a população convida Biá a escrever um livro contando a grande história de Javé, livro este que a população chamava de



“Histórias da salvação”. Dessa forma Biá salvaria o povoado através daquilo que outrora salvou seu emprego: a escrita.

A tarefa, no entanto, não era das mais fáceis tendo em vista que cada morador que narrava um fato, contava a versão que lhe convinha. Acrescentava-se a isso, a própria interferência de Bia que insistia em florear as histórias, pois como ele mesmo deixa claro, “uma coisa é o fato acontecido, outra coisa é o fato escrito”. O acontecido tinha que ser melhorado no escrito para que o povo acreditasse no fato.

Antonio Biá não consegue escrever as histórias, o livro que salvaria a população não se concretiza e a população assiste Javé sendo inundada pelas águas da hidrelétrica. O final do filme evidencia o que parece ser a sina daquela comunidade: após uma invasão - e dessa vez não mais de pessoas atrás de ouro como na primeira retirada – a população tenta achar outro local para reconstruir suas vidas. Ainda houve tempo de retirar o sino da igreja matriz, o símbolo daquele povoado, o que de mais sagrado eles possuíam.

Narradores analisados

Foi através da oralidade que a comunidade buscou construir um discurso que reconstrói o passado para servir ao presente e dessa forma tentar salvar a vila do desastre que estava porvir. Mas essa oralidade precisava, agora, ser registrada, documentada, para virar ciência, como dizia um dos moradores de Javé. É dessa forma que começa o choque entre o oral e o escrito, já que não tinha como definir ao certo qual das versões contadas pelos moradores era a que deveria entrar para o livro da salvação. Para Maurice Halbwachs (2004) as memórias individuais são atenuantes no processo da construção da memória coletiva. Para o autor

a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada (p. 75)

As diversas lembranças ali envolvidas quando confrontadas com a memória dos outros moradores tinham pontos de convergência e de afastamento e outros pontos também iam sendo agregados aos fatos contados, como a própria percepção do escrivão.



A dificuldade em se colocar no papel o que contava cada morador evidencia a intensa relação entre a história e memória. Pierre Nora (1993) coloca que estas duas palavras estão longe de serem sinônimos. Para o autor

a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e o esquecimento, inconscientes de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações (...). A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico”. (p. 9)

Muitas vezes memória e história são tratadas como uma coisa só porque, como diz Paul Veyne (1998) “a história é filha da memória” (p.19). Dessa forma, a memória pode ser considerada a matéria prima da história, e pode também ser entendida como um campo de poder, mostrado no filme pela disputa dos moradores em quererem que a sua história fosse a de fato a registrada e, assim sendo, o prestígio seria dado não só a quem narrava, mas também aos seus antepassados.

A percepção de quem escrevia também não tinha como ficar de lado. Biá, conhecido na comunidade pelos seus “floreios”, também deixa transparecer sua vontade em “melhorar” as histórias com o escrito. O fato de Biá não escrever de caneta é um fator relevante dentro do enredo do filme. O lápis, segundo o próprio personagem, era melhor, pois ele “aceita borracha” e ele pensava “lápis”, ou seja, a fragilidade de uma história que estava sendo narrada por tantas pessoas ainda não poderia deixar de sofrer a influência daquele que tinha a missão de transcrever para o papel a história que seria a oficial.

Para Le Goff (1990) a memória transmitida pelas sociedades sem escrita não é uma memória palavra por palavra. A memória coletiva para esta sociedade funciona segundo uma “reconstrução generativa” e não segundo uma memorização que é mecânica. Assim, “enquanto que a reprodução mnemônica palavra por palavra estaria ligada à escrita, as sociedades sem escrita (...) atribuem à memória mais liberdade e mais possibilidade criativa” (p. 430). A vontade de manter em forma uma memória mais criadora que repetitiva seria, segundo o autor, uma das principais razões da vitalidade da memória coletiva nas sociedades sem escrita. Walter Benjamin (1994) ao tratar do ato de narrar diz que contar histórias sempre foi a arte de recontá-las e que estas se perdem quando não são mais conservadas. A narrativa, segundo o autor,

é ela própria uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro e si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a Mao do oleiro na argila do vaso (BENJAMIN, 1994, p. 205)

Isso explica o fato de se ter tantas versões de uma mesma história. As múltiplas vozes, mesmo conflitantes, convergem para um fim que é transformar a historia oral em historia escrita para, dessa forma, salvar o vilarejo.

Tomando como verdade a máxima de que o cinema é uma narrativa, pois acabam contando uma história, alguns pontos dentro do filme ligados à montagem fílmica se fazem relevantes notar. O filme se constitui numa natureza heterogênea onde a lógica da narrativa é possível graças à montagem responsável por juntar os vários elementos que dão corpo à obra. O filme foi estruturado em três tempos distintos e isso pode ser observado não só pelo fato de Zaqueu está contando a história do vilarejo no bar, mas a temporalidade se articula também pelos *flash-back* mostrados no filme evidenciando outro tempo ali retratado.

As cenas em *flash-back* ajudam na composição do que está sendo dito, permitindo que cada narrativa seja acompanhada evidenciando não só o que estava sendo dito, mas todas as sensações que não eram verbalizadas. Uma atmosfera diferenciada é criada para cada narração feita. Pode-se notar como a própria montagem fílmica lança mão de recursos que fazem com que o discurso que está sendo narrado ganhe mais veracidade, ênfase.

Quatro versões ganham destaque dentre da narrativa: a contada por Vicentinho, depois por Deodora, Firmino e por último um ancião de uma comunidade quilombola. Quando os personagens estão contando suas versões, a figura de quem narra é também a do próprio personagem de sua narrativa. Vicentino começa a contar a história de Idalécio, fundador do Vale de Javé é ele próprio quem aparece nas imagens que reconstitui a cena narrada pelo personagem e não apenas é demonstrado como um mero observador; naquele momento ele é Idalécio montado num cavalo, desbravador e líder do povo de Javé. Já Deodora, quando narra a versão dela, é ela a Mariadina, possível fundadora do Vale do Javé que assume o bando após a morte de Idalécio, mostrando até uma marca que carrega no peito, dizendo ser, dos descendentes direto da heroína. Firmino traz a versão mais jocosa do herói desbravador, narrando que este morreu depois de uma forte disenteria e, além disso, coloca Mariadina como uma louca a vagar

pelo sertão nordestino e, segundo ele, tem provas científicas que comprovam o que narrava. Há ainda a versão que Biá vai buscar num vilarejo próximo, uma comunidade quilombola, na qual Pai Cariá é o narrador e fala num dialeto que precisa ser traduzido por outro integrante do grupo. O herói passa, então, a ser chamado Idaléu, um negro guiando escravos em fuga.

Como evidencia Le Goff (1996), nas sociedades ainda sem escrita a memória coletiva parece ordenar-se em torno de alguns interesses e, um deles, é a idade coletiva do grupo que se funda em certos mitos, mais precisamente nos mitos de origem, assim como também o prestígio das famílias dominantes que se exprime pela genealogia. Claramente no filme podemos perceber a importância do mito fundador presente durante a narrativa. As principais versões contadas para que fiquem registradas no documento tratam dos heróis que após o término de uma batalha tinha a missão de achar as terras que então seria fundado o vilarejo e se as versões não chegavam a um ponto em comum, numa coisa ninguém deixava dúvida: os fundadores de Javé não saíram fugidos e sim em retirada, pois o povo tinha sido expulso de suas terras porque descobriram ouro.

Através da montagem, também, que podemos perceber traços da contradição humana. Uma cena em destaque: aparece Vado no bar com alguns amigos onde deixa clara a sua posição de ser um “homem morto se um dia sair para beber com Biá”. Ocorre um corte de cena e logo os dois personagens aparecem abraçados, embriagados pelas ruas de Javé. Ou seja, são os recursos da montagem fílmica que encorpam a narrativa e permite que a história seja narrada de forma a causar, muitas vezes, o inesperado e agregar sentidos ao que está sendo mostrado.

Como aponta Alves (1996), os estudos de Leone e Mourão (1987) sobre a montagem, partem do princípio de que o processo fílmico é formado por uma mobilidade articulatória cujo objetivo seria trabalhar a narrativa, por isso o filme se constrói

pela incidência de várias texturas, cujas unidades, previamente selecionadas, vão-se concatenando através da montagem e abrindo espaço para a manifestação da narrativa. Portanto, a montagem é o processo em que essas texturas são manipuladas, não só do ponto de vista técnico, mas, também, como meio que conduz o espectador a penetrar inadvertidamente nos recintos mais escondidos do imaginário: as ilusões se tornam perceptíveis, e, o que é mais importante ainda, visíveis. (ALVES *apud* LEONE e MOURÃO, 1987)



Durante o filme ainda são apresentadas imagens que se aproximam do modo de produção do cinema documental. Um dos engenheiros da hidrelétrica resolve gravar com uma pequena câmera os moradores de Javé. As cenas que sucedem ganham o ar de depoimentos e os moradores enviam suas mensagens de revolta e indignação com o que estava acontecendo. As imagens saem da câmera e passam a ocupar a tela, com o primeiro plano em evidência no rosto de quem falava.

Encontramos ainda no filme elementos que remetem à cultura brasileira que perpetuam a memória nacional e que foram sendo construídos pelos diversos discursos que corroboram o imaginário nordestino. Os provérbios ditos por Biá, os rituais afros, a devoção representados pelos santos, romarias, o saudosismo de um tempo pretérito, as disputas por terras, as cantorias, a poesia são elementos que compõem o conteúdo narrativo.

Considerações finais

O ato de analisar imagens se torna algo subjetivo e pessoal, mas tem que se levar em conta que a partir do momento que se propõe a analisá-las aumenta a possibilidade de usufruir melhor as significações e os impactos que tais imagens podem proporcionar. Joly (1996) diz que “propor análise ou explicação de imagens parece suspeita na maioria das vezes e provoca reticências sob vários aspectos” (p. 41). Cada um tem suas vivências e suas predileções e as particularidades de cada ser são sempre levadas em conta quando um objeto vai ser interpretado e é desse ponto, também, que se deve toda pluralidade de análise que surge. Sobre o questionamento do “porque analisar” Joly (idem) afirma que “a análise da imagem, pode desempenhar funções tão diferentes quanto dar prazer ao analista, aumentar seus conhecimentos, ensinar, permitir ler ou conceber com maior eficácia mensagens visuais”. (p. 47)

Ao analisar a obra filmica *Narradores de Javé*, uma série de temas pode ser levantada: a questão da memória e suas imbricações, o ato de narrar, a escrita e a oralidade como também as questões da montagem filmica envolta na narrativa.

Pode-se perceber que a memória se cristaliza não só através do que é contado, mas também fora de nós: nos objetos, construções, nas ruas e na própria história de uma localidade. Na dimensão da memória coletiva os monumentos, as imagens e o próprio depoimento das pessoas buscam tornar memoráveis os acontecimentos e a cultura de uma localidade. Sendo assim, é através da memória que são feitas opções do que deve



ser preservado do patrimônio enquanto elementos representativos de uma comunidade. Os objetos servem para corroborar o que estava sendo evidenciado pelos moradores: uma arma antiga que possivelmente pertenceu ao fundador e que era guardada como relíquia, a própria demarcação territorial onde estava fundado o Vale do Javé e o sino da igreja, que estava presente naquela comunidade desde os primórdios e era símbolo da reconstrução daquele povo.

Em Narradores de Javé está presente uma sociedade tradicionalmente oral, não documentada, em que a palavra dita é a que tem força e é essa sociedade que entra em choque com a sociedade moderna, com o progresso, como uma sociedade onde tudo é documentado e escrito.

A memória se apresenta como um processo de interação social entre o passado e o futuro, mas isso não implica num simples recordar, mas evidencia a relação com o tempo, com aquilo que está invisível, ausente e distante. Dessa forma não se trata apenas de investigar o passado, mas de compreender o presente a partir das reconstruções que são feitas nesse tempo pretérito. O interesse de quem narrava não era mais se tornar imortal através das histórias dos seus antepassados, mas narrar a história de maneira que pudessem justificar seus interesses pessoais do presente.

O filme relata a importância da identidade coletiva ao retratar como o processo da comunicação pode ser incorporado através de diversas interpretações. Traz a polifonia dos discursos, daí porque o título “narradores”, no plural, denotando que o fato contado deriva de pessoas diversas, sugerindo assim várias versões da mesma história. É dessa forma que a memória do local se instaura na comunicação oral e é construída no encontro das versões narradas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Carolina Assunção e. **Narradores de Javé: Uma análise semiolinguística do discurso fílmico**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2006. Disponível em: <
<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/ALDR-6V4HJ5> > Acessado no dia 3 de junho de 2009.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.



- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.
- JOLY, Martine. **Introdução a análise da imagem**. 9 ed. Campinas, SP: Papyrus, 1996.
- KLAUS, Viviane. Resenha do livro *Cinema & educação: refletindo sobre cinema e educação*. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141324782003000200014&script=sci_arttext. Acessado no dia 5 de junho de 2009.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1996.
- NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. São Paulo, n° 10. 1993
- POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, n° 3, 1989.
- VANOYE , Francis, GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Campinas: Papyrus, 1994.
- VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. UNB, Brasília, 4°ed. 1998.